

Quando o foco é o crime contra a vida: a história de uma parceria de sucesso em Providence

Dean Esserman e Teny Gross, entrevistados por Adriana Taets e Ana Maura Tomesani.

Dean Esserman

Dean Esserman é chefe de polícia na cidade de Providence, Rodhe Island, EUA, desde 2003. Foi chefe de polícia em Stamford e assistente de chefe de polícia em New Heaven. Sua carreira policial teve início na cidade de Nova Iorque, onde atuou, entre outras áreas, como conselheiro do chefe de polícia, William Bratton, no departamento de trânsito. Quando assumiu o posto em Stamford, Esserman implementou a filosofia do policiamento comunitário, reduzindo a criminalidade em 50% e tornando-se reconhecido nacionalmente. Atualmente, é membro do PERF (Police Executive Research Forum) e do Vera Institute of Justice.

Teny Gross

Teny Gross é diretor executivo do Institute for The Study and Practice Of Nonviolence, em Providence, Rodhe Island, EUA. Durante a década de 1990, participou da coordenação do programa de redução da violência juvenil em Boston, o qual recebeu atenção nacional. Atuou como street worker em Boston e implementou esta metodologia de trabalho em Providence, quando assumiu a direção do Instituto. É sargento da reserva do Exército Israelense e atua na região oferecendo treinamento para líderes, com o tema de resolução de conflitos e busca pela paz.

Dean Esserman e Teny Gross foram convidados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública para falar sobre o trabalho que realizam na cidade de Providence, no Estado de Rhode Island, nos Estados Unidos, durante o III Encontro Anual, que aconteceu na cidade de Vitória-ES, em abril de 2009. O exemplo da parceria realizada entre o departamento de polícia da cidade de Providence e o Instituto pela Não Violência despertou interesse por revelar estratégias de integração entre polícia e comunidade e, principalmente, por alcançar resultados importantes no combate à criminalidade violenta. Questões como missão, método e foco estiveram presentes tanto nas palestras ministradas aos participantes do III Encontro, quanto na conversa entre Esserman, Gross e a equipe do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

FBSP: *Coronel Esserman, para começar essa entrevista, gostaríamos que o senhor falasse sobre o contexto da criminalidade e violência quando assumiu o posto de comandante em Providence, Rhode Island.*

Esserman: Na época, tínhamos o patamar de dois a três tiros por semana e dois a três homicídios por mês. No entanto, é importante apontar que, em Providence, existe um bom serviço de saúde, com bons hospitais, possibilitando que mesmo ferimentos graves possam ser tratados e não se transformem em morte. Isso pode ser um indicador. Os Estados Unidos assistiram a uma queda na criminalidade na década de 1990, liderada pela cidade de Nova Iorque, que costumava ter uma média de dois mil homicídios por ano, esse número caiu para 500 ou 600 por ano. No entanto, quando fui chamado para trabalhar em Providence pelo prefeito David Cicilline, o contexto da criminalidade na cidade ainda estava em seu movimento ascendente, apesar do movimento decrescente no resto do país.

**Quando o foco é o crime contra a vida:
a história de uma parceria de sucesso em Providence**
Dean Esserman e Teny Gross, entrevistados por Aditiana Taets e Ana Maura Tomesani.

FBSP: *E qual é o contexto hoje?*

Esserman: Contabilizamos 13 homicídios no último ano e a criminalidade em geral diminuiu em torno de 30% nos últimos seis anos. O ano de 2000 alcançou o pico, com 30 homicídios; depois disso pudemos presenciar uma queda na criminalidade. Fui chamado para assumir o posto de chefe de Polícia em Providence em janeiro de 2003, então, digo que entre 2002, ano em que se elegeu o prefeito David Cicilline, até hoje, a queda foi de 30%, mesmo que durante esse tempo tenhamos presenciado oscilações nos números.

FBSP: *Na sua visão, qual o fator mais importante que contribui para essa queda?*

Esserman: Já mencionei o prefeito de Providence, David Cicilline? Chefes de polícia pensam que eles são astros do rock, mas a verdade é que os chefes de polícia só podem ser tão bons quanto seus prefeitos permitem, logo, bons prefeitos permitem que seus chefes de polícia tenham sucesso. Tínhamos um prefeito excelente e, provavelmente, o melhor presente que ele deu a nós, cidadãos, foi devolver à população o departamento de polícia. O departamento tornou-se um departamento da população. Enquanto a polícia era voltada para a defesa do Estado, a corrupção do Estado era também a corrupção da polícia. A polícia americana foi formada dentro de um contexto muito politizado, principalmente a partir de um poder político muito centralizado. O que o novo prefeito, David Cicilline, fez foi procurar um novo chefe de polícia que fosse de fora da comunidade. Fui o primeiro chefe de polícia de todo o estado de Rhode-Island que não era nascido no próprio estado. Em segundo lugar, ele nos deu liberdade para voltarmos a ser a polícia da população, e não mais uma polícia de Estado, voltada para os interesses do Estado; com isso, pudemos voltar a fazer o trabalho da polícia, ou seja, trabalhar para combater o crime.

FBSP: *Até agora, o senhor indicou o prefeito, ou seja, o governo local como importante parceiro no combate à criminalidade e à violência. Existem outras instituições que podem ser citadas como importantes para essa queda da criminalidade?*

Esserman: Sim, mas antes de dizer sobre outras instituições que contribuem para a queda da criminalidade, eu queria cha-

Tínhamos um prefeito excelente e, provavelmente, o melhor presente que ele deu a nós, cidadãos, foi devolver à população o departamento de polícia. O departamento tornou-se um departamento da população. Enquanto a polícia era voltada para a defesa do Estado, a corrupção do Estado era também a corrupção da polícia.

“Costumávamos ter um prédio enorme para o departamento policial, no entanto, ninguém tinha a permissão de dar palpites sobre o design do prédio, que era definido por um arquiteto que não tinha nada a ver com o uso do prédio.

mar atenção para o trabalho policial. O ponto principal é o trabalho policial, e não digo aqui a polícia, mas o trabalho policial, um trabalho policial bem feito. Entre outras instituições, temos aquelas que militam contra a violência e a criminalidade em nossa cidade, mas, para mim, um bom trabalho policial não significa mais policiais, ou mais armas. O que quero dizer é que parceria significa colaboração – até mesmo pesquisa – significa pessoas compartilhando e abraçando novas ideias, novos conceitos, é isso o que quero dizer quando digo bom trabalho policial, não quero dizer mais mil policiais nas ruas.

FBSP: *Muitas mudanças aconteceram em Providence desde que você assumiu a chefia da polícia e muitas mudanças materiais ocorreram: aquisição de novos equipamentos e realização de treinamentos. Você disse que as parcerias são importantes assim como a cooperação no trabalho policial; existem outras coisas relativas ao trabalho policial em si, que seriam importantes? Por exemplo: o treinamento, a escolha do armamento a ser utilizado, etc. Quais foram as principais mudanças implementadas desde que o senhor assumiu o posto?*

Esserman: Providence é uma cidade que possui em torno de 25 mil habitantes, e temos 27 unidades policiais. Você sabe por quê? Não? Pois ninguém sabe! Ninguém, além dos policiais, sabe! E foi isso que tentamos fazer, tentamos ouvir os policiais para saber o que eles achavam sobre os problemas enfrentados nas ruas em Providence. Costumávamos ter um prédio enorme para o departamento policial, no entanto, ninguém tinha a permissão de dar palpites sobre o design do prédio, que era definido por um arquiteto que não tinha nada a ver com o uso do prédio, e isso era um desastre! Então, a primeira coisa que fizemos foi perguntar a opinião daquelas pessoas que dão a sua vida, o seu sangue e o seu suor. Isso nunca tinha sido feito antes! Nunca!

Outra coisa que fizemos foi descentralizar as unidades policiais pelos bairros, pudemos instalá-las dentro dos bairros, e não mais apenas ao lado dos clubes. O que fizemos foi criar subseções dos departamentos nos bairros, e cada subseção tinha o seu próprio comando. Com isso, pudemos identificar não apenas as fronteiras legais entre os bairros, mas as fronteiras reais, e trabalhar a

“Antes disso, você nunca veria um oficial andando a pé na rua, e nós fizemos isso, colocamos os oficiais e a população em contato novamente. É muito fácil ter uma boa iniciativa, mas é muito difícil sustentá-la.”

partir delas. O que aconteceu foi a transformação de um poder centralizado e muito fechado em um poder descentralizado e distribuído pelos bairros, nas mãos desses pequenos comandos. O poder do chefe de polícia foi dividido, foi descentralizado e envolveu outros oficiais.

A segunda questão importante foi a criação de um mecanismo de *accountability* nos bairros para controlar não só o meu próprio trabalho, mas também o trabalho que ocorre nos bairros. Acho que essa foi a mudança mais significativa, porque com isso pudemos colocar a patrulha a pé de volta nas ruas. Antes disso, você nunca veria um oficial andando a pé na rua, e nós fizemos isso, colocamos os oficiais e a população em contato novamente. Hoje a vizinhança conhece seus oficiais, pois eles serão sempre os mesmos a trabalhar naquela região. Muitas das mudanças estruturais que realizamos no departamento de polícia foram de estratégia e de filosofia de trabalho; construímos um novo conceito de policiamento, baseado no policiamento comunitário, um policiamento que está próximo da comunidade.

No entanto, o que eu mais gostaria de frisar aqui é que o departamento de polícia foi focado em uma missão, que é a violência contra a vida. É muito fácil ter uma boa iniciativa, mas é muito difícil sustentá-la. Todo ano trago os comandos para o meu escritório e anuncio a eles a nova iniciativa para o ano, e digo que ela é a mesma do ano anterior, que foi a mesma do outro ano anterior: o foco número um da polícia de Providence é conter a violência contra a vida. Nos focamos nesse propósito de maneira obsessiva. Nosso trabalho é salvar vidas, nosso foco é a luta contra o crime violento. Posso ligar no meio da noite para qualquer policial do meu departamento, ele vai atender ao telefone nervoso, como sempre fica quando fala comigo, e se eu perguntar qual é a missão do nosso departamento, ele irá responder: diminuir os crimes contra a vida. Acredito que podemos perguntar a muitos oficiais, tanto nos Estados Unidos como também no Brasil, qual é a sua missão e qual é o seu foco, provavelmente eles vão lhe perguntar: “em qual sentido você quer saber?” Na realidade, é muito difícil manter uma missão, é muito difícil se manter focado em um objetivo durante muito tempo, é muito difícil manter os esforços em apenas um objetivo, em apenas uma missão. Nosso lema, então, é manter-se focado nos crimes violentos.

FBSP: *É possível perceber, em Providence, alguma relação entre os crimes violentos e a criminalidade em geral? Ou seja, é possível perceber a queda de outros crimes concomitante à redução do número de homicídios? A polícia de Providence atua também na prevenção dos crimes não violentos?*

Esserman: Os crimes não violentos tendem a cair, mas esse não é o nosso foco. Eu sinto muito se seu carro for roubado, mas se eles tirarem a sua vida, sou chamado a atuar. Como eu disse, o nosso lema é o crime contra a vida, se há uma queda nos crimes não violentos, ótimo, mas esse não é o nosso foco.

FBSP: *Você acha que esse modelo de policiamento descentralizado e focado na comunidade e com um envolvimento forte do governo local pode ser realizado em outros lugares, tanto nos Estados Unidos como em outros países?*

Esserman: Sim, acho que várias das ideias que tivemos em Providence são muito óbvias, e boas ideias são transmitidas facilmente, boas instituições são sempre replicáveis.

FBSP: *Gostaríamos que você falasse um pouco sobre o PERF (Police Executive Research Forum). Por meio da mídia é possível saber que esta é uma instituição que ganhou importância nos Estados Unidos hoje, e ser associado ao PERF significa fazer parte de uma categoria diferente de policiais. Isso nos interessa a partir do momento em que o Fórum Brasileiro de Segurança Pública atua hoje de maneira parecida no Brasil, buscando reunir policiais e gestores que atuam na área da segurança pública.*

Esserman: Acho que, de alguma maneira, vocês atuam de forma mais profunda, pois atuam nas fronteiras. O propósito inicial que deu origem ao PERF nasceu na década de 1970, com a ideia de reunir os chefes de polícia em uma única instituição e, dessa maneira, ter essa instituição como parceira desses chefes de polícia, com o intuito de trabalhar a agenda urbana. Nessa época, éramos 17 mil departamentos policiais nos Estados Unidos, sendo que a maioria era muito pequena; logo, a instituição era dominada por esses departamentos que representavam as pequenas comunidades. Tendo em vista esse cenário, o PERF foi criado para dar suporte aos chefes de polícia dos centros urbanos, para trabalhar a agenda urbana, de

Os crimes não violentos tendem a cair, mas esse não é o nosso foco. Eu sinto muito se seu carro for roubado, mas se eles tirarem a sua vida, sou chamado a atuar.

“
A participação
como membros
do PERF tem nos
possibilitado
um senso de
continuidade nos
nossos trabalhos.”

maneira a comprometê-los a trabalhar na área da educação e da pesquisa, para influenciar nas decisões políticas das cidades. O PERF é uma instituição pequena, mas representa milhares de chefes de polícias espalhados pelo país. Somos hoje algumas centenas de associados ao PERF, e para ser associado, em primeiro lugar, você precisa ser chefe de polícia de uma cidade relativamente grande – não uma cidade imensa, mas algo como mais de 50 mil habitantes. Em segundo lugar, é necessário ter formação universitária, e infelizmente a maioria dos chefes de polícia não tem. Sem esses pré-requisitos não é possível nem mesmo ser parceiro da instituição.

A instituição possui, no entanto, diferentes tipos de membros: os assistentes, que são diferentes dos membros plenos, e também professores da academia que trabalham com o tema, além de gestores públicos. Voltando ao PERF, ele se tornou uma instituição que reúne chefes de polícia, cientistas sociais, criminologistas, gestores públicos, jornalistas influentes para que eles possam trocar ideias. Enquanto estamos no PERF, muitas vezes, mudamos de posto de trabalho. Por exemplo, eu costumava sentar perto de um colega que era chefe de polícia em Massachussetts, enquanto eu era chefe de polícia em Boston; hoje, ele é chefe de polícia em Washington e eu em Providence, e isso é muito comum, e o bom disso é que tomamos conhecimento da realidade dos departamentos de polícia de todo o país.

A participação como membros do PERF tem nos possibilitado um senso de continuidade nos nossos trabalhos. Aprendemos muito uns com os outros e realmente acho que isso pode ser replicado em outros países. O PERF também recebe financiamento tanto do governo quanto de instituições privadas para realizar pesquisas e procuramos trabalhar em áreas que sejam de interesse comum dos membros da instituição. Uma pesquisa que fizemos, por exemplo, foi sobre a forma como chefes de polícia interagem com pessoas que possuem problemas mentais. Essas pessoas costumam ser muito violentas e, se for preciso atuar nessa direção, precisamos saber como fazê-lo. Também fizemos pesquisas sobre violência doméstica, mas talvez a pesquisa mais importante que realizamos durante alguns anos foi sobre algo que preocupa bastante o cidadão americano, que é o uso da for-

ça pela polícia. Ontem ouvi um documentário da BBC criticando a maneira como a polícia de Londres estava demonstrando poder. Isso é recorrente; o uso da força pela polícia pode invadir os direitos dos cidadãos, e isso atinge todos os departamentos de polícia do país, além de causar muitas prisões injustificadas. Logo, as pesquisas mais importantes que fazemos são transversais, elas ultrapassam as fronteiras políticas e até mesmo as fronteiras físicas entre os estados, já que tratam sobre questões que afetam todos os departamentos de polícia. Por isso, o PERF tornou-se uma instituição importante, já que por meio das pesquisas realizadas podemos discutir questões que realmente afetam o dia-a-dia dos departamentos de polícia, em vez de tratar um departamento de polícia individualmente.

É fácil perceber quando um departamento de polícia não quer ser levado a sério. Vou lhe dar a dica: eles criam novas seções! Sempre quando um departamento cria uma unidade especial, ou um novo departamento com um novo projeto, o que eles estão fazendo é tentar tirar das próprias costas um problema, eles estão querendo lhe enganar, dizendo que, com a nova unidade, irão resolver o seu problema. Em Nova Iorque, éramos muito bons nisso. Criamos todos os grupos especiais que você possa imaginar. Pense em um grupo especial! Nós criamos um escritório especial para ele. Tínhamos um escritório diferente para atendimento a gays, outro diferente para mulheres, outro para homens, outro para comunidade indígena, outro para comunidade negra. Você quer? Nós criamos para você! O que na verdade acontece é que a gente tira a atenção do problema e direcionamos o olhar do cidadão para a nova seção criada que ele gostaria de ter, e ele fica com a sensação de ter sido atendido no seu desejo. Por um tempo, as pessoas realmente acreditavam que isso funcionava, pois pensavam que o departamento de polícia estava se abrindo para a comunidade e que os oficiais estavam sendo bons para ela, afinal, o departamento era a ponte que interligava a população com a polícia. Mas a mudança não pode acontecer nessa direção, a mudança tem que ser fundamentalmente institucional. A gente pensou por muito tempo que ouvir as pessoas causaria mudanças, mas isso é como acreditar que um *ombudsman* pode mudar o mundo! E eu não sou um *ombudsman*, não sou o *ombudsman* da polícia. O que realmente causa mudanças é quando o departamento de polícia está disposto a abraçar a mudança,

“É fácil perceber quando um departamento de polícia não quer ser levado a sério. Vou lhe dar a dica: eles criam novas seções!”

Entrevista

Quando o foco é o crime contra a vida:
a história de uma parceria de sucesso em Providence

Dean Esserman e Teny Gross, entrevistados por Aditiana Taets e Ana Maura Tomesani.

quando ele realmente está disposto a criticar a si próprio, quando ele realmente está aberto para conversar com outras pessoas, inclusive aquelas que não fazem parte do departamento policial, e dizer a elas “trabalhem com a gente! Não contra a gente! A gente não está aqui para prender vocês, a gente não está aqui para prender pessoas, vocês não são nossos inimigos, nós não somos seus inimigos, nós estamos aqui para trabalhar juntos, para sermos parceiros. Estou aqui para olhar atentamente para você, para cuidar do seu comportamento”. As únicas pessoas que realmente acreditam nisso fazem com que outras pessoas também se envolvam com essa postura. A única maneira de trazer mudanças para a polícia é você se aproximar das pessoas que foram recrutadas muito jovens e que passam a vida toda trabalhando nas instituições policiais e trabalhar junto a elas, não vigiando o seu trabalho, não dizendo como elas devem fazer. Por isso, precisamos trazer para perto dos departamentos de polícia pesquisadores, gestores, jornalistas, lideranças comunitárias. E é claro que isso é o que as pessoas não querem ouvir, mas organizações e instituições como o Fórum e o PERF permitem esse tipo de movimento, que é a única coisa que realmente pode impactar o trabalho policial.

A polícia americana atira menos hoje nas pessoas do que na geração passada, e isso acontece não porque os policiais estão sendo vigiados, ou sofrendo processos por parte do Ministério Público, mas sim porque vários atores estão trabalhando juntos para trazer mudanças políticas reais, e isso se relaciona com mudança no treinamento policial. Por exemplo, quando há mudança no tipo de armamento que a polícia usa, você pode pensar que o uso dessas armas pode ser mais letal, mas lhe digo que na verdade será menos mortal, porque essa mudança ocorreu baseada em pesquisa, em mentes pensando conjuntamente. O departamento de polícia de Providence não deu um único tiro durante um ano inteiro, o que é realmente um caso excepcional, e isso não tem a ver com o uso de armas mais potentes, ou mais letais.

FBSP: *Pensando na estrutura do PERF, tendo em vista as pessoas que o integram, ela é parecida com a do Fórum?*

Esserman: Acho que a diferença é que a maioria que integra o PERF é formada por chefes de polícia. Existem outros membros,

“A polícia americana atira menos hoje nas pessoas do que na geração passada, e isso acontece não porque os policiais estão sendo vigiados, ou sofrendo processos por parte do Ministério Público, mas sim porque vários atores estão trabalhando juntos para trazer mudanças políticas reais, e isso se relaciona com mudança no treinamento policial.”

que são cientistas sociais, jornalistas, professores, gestores, mas a maioria é composta por chefes de polícia. Na última semana aconteceu o Encontro Anual do PERF, em que oferecemos um prêmio chamado Prêmio para Lideranças Policiais. Meu mentor foi premiado há sete anos, no entanto, nesse último encontro, os chefes de polícia do PERF se reuniram e votaram que o prêmio deveria ser dado a dois cientistas sociais: George Kelling, autor do livro *Broken windows*, e Bob Wasserman. Eles nunca trabalharam como policiais e foram premiados pelo PERF como importantes lideranças policiais. Acho isso muito significativo, e vejo isso acontecendo aqui, o reconhecimento do trabalho de outros setores que influenciam o fazer policial.

FBSP: *Antes de falarmos um pouco sobre a parceria criada entre o Non-Violence Institute e a Polícia de Providence, gostaríamos que Teny Gross falasse um pouco sobre o instituto, como foi criado, como funciona, quais seus princípios, etc.*

Teny Gross: “Não-violência” é um item entre vários de inúmeras instituições. Existem instituições dedicadas ao ensino de lideranças, à prática de esportes, a milhares de coisas, e a “não-violência” sempre aparece como um item a ser alcançado, a ser buscado. Padre Ray e irmã Anne, que fundaram o instituto em 2000, disseram: “Item número 1: diminuição da violência e busca pela não-violência”. Quero insistir nisso: o propósito do instituto é não-violência, não-violência, não-violência. Procuramos uma mudança na forma como os jovens pensam, tanto quanto na forma como a sociedade pensa. Então, o instituto começou a oferecer treinamentos para pessoas que estavam às margens da sociedade e, para isso, conseguiu um financiamento e pôde contratar um diretor para o instituto; então o instituto me contratou quando eu ainda trabalhava em Boston.

Eu não tinha ideia do que seria ser um diretor de um instituto, eu não sabia como seria treinar pessoas para a não-violência, eu era um *street worker* em Boston. No começo tive muitas dúvidas, mas eles acabaram me convencendo. No entanto, mesmo enquanto trabalhava como diretor do instituto, não era possível deixar de ter uma mente de um *street worker*. O que eles esperavam de mim era que eu fosse capaz de treinar pessoas para atuarem no conceito de não-violência. Mas com o tempo

Quero insistir nisso:
o propósito do instituto é não-violência, não-violência, não-violência.

A agenda destinada
aos jovens é
enorme, mas
garantir que uma
pessoa não seja
morta é nosso
primeiro passo.

consegui implantar o trabalho dos *street workers* no instituto, que começou apenas dois anos depois que assumi a diretoria do instituto, momento em que o novo prefeito, David Cicilline, assumiu o cargo em Providence. Isso aconteceu porque o padre Ray e a irmã Anne tinham bons contatos políticos. Quando David Cicilline ainda estava concorrendo às eleições municipais, em uma noite, aconteceu um assassinato e ele chamou a mim e a irmã Anne e nos disse que, se ganhasse as eleições, ele faria com que Providence contratasse *street workers* para trabalhar em busca da não-violência; e cumpriu com sua promessa. Depois das eleições, ele trouxe Essermann para assumir o posto de chefe de polícia, e o interessante é que ele já conhecia o trabalho dos *street workers*, o que facilitou muito a nossa atuação.

Você perguntou sobre foco. A agenda destinada aos jovens é enorme, mas garantir que uma pessoa não seja morta é nosso primeiro passo. Temos sonhos para os jovens, queremos vê-los na faculdade, mas, se eles continuam morrendo, todo o resto da agenda se perde. Enquanto existir violência na cidade, não conseguiremos fazer aquilo que queremos. Então, o primeiro passo é realmente mantê-los vivos, e é isso que estamos tentando fazer. Falamos sobre estas vidas, acreditamos que todas as vidas têm um mesmo valor. Lembro-me uma vez em que a imprensa veio entrevistar o padre Ray, e ele, que costuma ser uma pessoa calma, esbravejou para os jornalistas, falando sobre um rapaz: “Nunca mais diga que ele era um traficante! Ele era mais que um traficante: ele tinha uma mãe, tinha amigos, uma namorada, ele tinha uma vida”.

Procuramos lutar contra o crime, no entanto, devemos sempre ter certeza de que a vida vale muito mais. Posso citar o exemplo de algumas instituições que lutam contra o crime, e poderemos perceber que, para elas, a vida tem pouco valor: quando acontece um assassinato, assim que os investigadores da polícia deixam o lugar, o corpo de bombeiros vem e limpa o sangue da rua e o tráfego volta a fluir. Esse cenário não irá mudar a menos que tenhamos o valor da vida como sendo a prioridade absoluta! Por que estamos fazendo dinheiro? Por que estamos trabalhando duro, se não estamos numa sociedade em que a vida é o valor absoluto? Qual o sentido disso? Perdemos a direção nesta enorme sociedade, em que as pessoas estão sempre ocupadas e em que se pensa que algumas vidas simplesmente não são importantes!

FBSP: *Você poderia falar um pouco sobre o trabalho desenvolvido pelos street workers? Como se deu a implementação desse tipo de atividade em Providence?*

Teny Gross: Na verdade, o trabalho dos *street workers* é bem antigo. Já cheguei a encontrar referências que indicam a existência de *street workers* nos anos 1950. Em Boston, essa atividade começou de uma maneira um pouco contraditória, não com o intuito de diminuir a violência letal, mas por causa de um prefeito que não queria que os direitos fossem distribuídos pelas comunidades. Para tanto, ele contratou pessoas que fizessem parte dessas comunidades, de modo a garantir o acesso a esses locais, controlando-os de alguma maneira. Mas tudo bem, a razão era ruim, mas às vezes a crise é uma oportunidade! E os *street workers* foram capazes de criar muita coisa boa. Os *street workers* não são cientistas sociais, nem sociólogos ou assistentes sociais, são pessoas da comunidade, ou seja, este grupo é formado por pessoas que já cometeram crimes, e nós dizemos a eles: “veja, a polícia não vai salvá-lo, eu não vou salvá-lo, você precisa salvar sua própria comunidade”. A questão é que eles não são voluntários, eles são pagos para isso. Nada é feito numa sociedade capitalista sem recursos.

Como eu estava dizendo, a ideia é contratar e treinar pessoas da comunidade, sendo que o alvo é fortalecer as lideranças. No momento, vários líderes são pessoas que saíram dos presídios e estão vivendo na comunidade, até serem presos novamente ou até mesmo mortos. E aí entra a ideia de *self-help*. Eles precisam observar e perceber o que está acontecendo ao redor deles, e não esperar que duas gangues rivais se matem. Eles precisam perceber mesmo as pequenas coisas. Supomos que nós criemos um grupo que se chama “Os Problemas” e andamos pela vizinhança roubando apenas bolsas de senhoras. Nada de grave. Os *street workers* então pensam: “surgiu um novo grupo, quem são eles?”. Há vários grupos que se formam, é difícil saber quais são bons e quais são ruins, então os *street workers* constroem relações, vão às escolas primárias e secundárias, vão aos terminais de ônibus onde muitas pessoas fazem baldeação para ir para casa e se certificam de que não há violência nestes espaços e de que estão sendo policiados. A primeira regra do nosso trabalho é saber quem são estes jovens que circulam pela cidade e quais são

Os street workers não são cientistas sociais, nem sociólogos ou assistentes sociais, são pessoas da comunidade, ou seja, este grupo é formado por pessoas que já cometeram crimes.

Entrevista

Quando o foco é o crime contra a vida:
a história de uma parceria de sucesso em Providence
Dean Esserman e Teny Gross, entrevistados por Adriana Taets e Ana Maura Tomesani.

aqueles que estão tendo mais problemas. Tentamos ajudar, mas também conhecê-los e firmar uma relação com eles. E de muitos grupos que se formam, alguns virarão realmente gangues e as razões são diversas. A partir do relacionamento com estes jovens problemáticos, podemos identificar quais estão começando a se tornar perigosos e então podemos agir e evitar que este jovem se torne um criminoso. É a partir do relacionamento com estes jovens que poderemos perceber se um jovem está se tornando perigoso, e aí então podemos mudar este curso.

FBSP: *Como esses street workers são recrutados?*

Teny Gross: No início nós os recrutávamos, agora não é mais assim. As pessoas que estão presas hoje estão esperando sair para se tornarem um *street worker*.

Esserman: Para vocês entenderem melhor como é esse recrutamento, ou quais são os pré-requisitos para um *street worker*, quero contar um fato que ocorreu um tempo atrás: lembro-me de uma ocasião quando eu estava com os meus homens, policiais, tomando um café e comendo batatas fritas em um bar e o Teny Gross chegou com alguns dos seus caras, os *street workers*. A situação ficou bem tensa e só depois de um tempo percebi o que estava acontecendo: notei que o meu lado da mesa já havia prendido todo o outro lado da mesa. A qualificação nº 1 de um *street worker* é que nós o tenhamos colocado na cadeia. Você já esteve na cadeia? Não? Então não serve para ser um *street worker*. Este é o pré-requisito.

Teny Gross: Os “meus caras” foram todos criminosos no passado.

Esserman: Se o critério é ter credibilidade para lidar com crianças que estão nas ruas, os caras tinham que vir das ruas. O interessante é que agora a questão das gangues virou questão de trabalho para eles. A parceria que formamos, entre a polícia e o instituto, é bem pouco tradicional, porque nós, policiais, nos tornamos o foco de recrutamento do instituto. Mas não pense que é uma parceria fácil, o meu pessoal não gostava do pessoal do Teny, e o pessoal do Teny não gostava do meu pessoal. Eles eram guerreiros, nós éramos oficiais, mas nos juntamos para realizar algo que era maior do que nós, e para isso nos focamos não nas diferenças, mas sim no resultado que queríamos alcançar.

Teny Gross: Esta não é uma história fácil de se contar. O que nos mantém acordados à noite é o medo de que alguém seja

A qualificação nº 1 de um *street worker* é que nós o tenhamos colocado na cadeia. Você já esteve na cadeia? Não? Então não serve para ser um *street worker*. Este é o pré-requisito.

O nosso compromisso é de obediência e não de comprometimento. No entanto, essa parceria se tornou comprometimento, pois eles passaram a acreditar nisso.

morto. Tenho uma câmera policial na minha casa – os caras do Esserman me deram. Às vezes, enquanto estou no sofá com minha mulher, ou checando meus e-mails ou assistindo algum filme, se recebo uma notificação, dou um beijo em minha mulher, coloco roupas quentes e começo a ligar para os detetives da equipe do Esserman para que possamos, com urgência, montar nosso time da melhor forma possível, porque qualquer vida é muito importante. Podemos dizer a vocês quem são os candidatos, os 20 mais prováveis de serem os próximos a morrer em Providence, e ficamos preocupados. Por isso, tentamos contato com a família, com irmãos que estão presos, tentamos evitar ao máximo que essa morte aconteça. É preciso tentar tudo. Falar com mães, tudo. Por exemplo, existe uma mãe de um jovem que trabalha em um projeto de moradia e tem um telefone celular do instituto, com isso, ela pode me ligar quando quiser. Minha conta de telefone é altíssima, mas aquela mãe precisava ter um telefone do instituto, pois, se um tiro é disparado por lá, ela liga para a polícia e depois me chama.

FBSP: *O que mais os surpreendeu e o que mais os decepcionou no processo de construção desta parceria?*

Esserman: No meu mundo, você entra em uma sala e bate continência. Sou o chefe, e bastaria dizer para os meus policiais que eles deveriam contatar o Teny Gross e o trabalho dos *street workers* para que eles fizessem isso, acreditando ou não na proposta. O nosso compromisso é de obediência e não de comprometimento. No entanto, essa parceria se tornou comprometimento, pois eles passaram a acreditar nisso. Hoje, eu nem fico sabendo da maior parte das conversas que ocorrem entre *street workers* e policiais. Eles descobriram uma forma de desenvolver suas próprias relações e trabalhar em parceria. O que me surpreendeu é que isso aconteceu mais rápido do que eu imaginava.

Teny Gross: O que aconteceu foi que já tínhamos realizado outras parcerias em Boston, mas em um nível de integração menor do que ocorre hoje em Providence. Foi uma experiência curta, pois mudou o governo e não pudemos dar continuidade, no entanto, aprendi coisas importantes, e uma delas é o papel da liderança. Hoje as pessoas possuem uma outra visão sobre o termo parceria, não se vê mais nenhum projeto

“Manter uma relação funcionando é um trabalho enorme, requer atenção enorme e o que sustenta isso são as nossas crenças, é aquilo em que a gente acredita. Você só tem aquilo em que acredita.”

que não tenha a palavra “parceria”, mas acredito que muitas pessoas não entendem o que o termo significa. Lá no instituto, provavelmente, gasto de 20% a 30% do meu tempo na mais importante parceria que temos, que é esta com a polícia. Mesmo agora que ela já está estabilizada, há muitos níveis de integração e, por isso, precisamos gastar tempo cuidando desta relação. Você não pode ter milhões de relações, e esta relação, baseada na interação entre policiais e ex-detentos, é delicada e leva muito tempo para amadurecer. E isso só aconteceu porque acreditamos, tanto eu quanto o Esserman, que o objetivo mais importante a ser alcançado é manter as nossas crianças vivas. Ele comanda um departamento policial e eu comando um grupo de ex-criminosos que trabalham com a não-violência. Somos pequenos, mas eles são fortes. No entanto, fazer isso funcionar toma muito tempo, muito esforço diário.

Esserman: E parceiros precisam ser iguais, como em um casamento. Isso requer um trabalho árduo e constante. Vivemos em um mundo que disputa o tempo todo a nossa atenção, um mundo guiado pela máxima “qual é a próxima nova ideia?”, sofremos uma enorme pressão. A CNN criou um projeto para saber se o espectador presta atenção a duas ou três situações acontecendo na TV ao mesmo tempo. As histórias são mais curtas agora, e as cores são diferentes, tudo para manter a sua atenção ali, e essas empresas de televisão já sabem que a atenção do espectador está cada vez mais curta. Manter uma relação funcionando é um trabalho enorme, requer atenção enorme e o que sustenta isso são as nossas crenças, é aquilo em que a gente acredita. Você só tem aquilo em que acredita. Se eu disser que as coisas estão tranquilas em Providence, com relação à parceria que temos entre polícia e os *street workers*, estou mentindo. No entanto, temos conseguido mantê-la e, com isso, alcançar bons resultados, que é manter baixo, baixíssimo, o nível de criminalidade violenta no município. ✎